

UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA NO ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO  
DA COMUNICAÇÃO GESTUAL EM CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS\*

*Maria Cristina da C. Pereira\*\**

PUC-SP

Um dos grandes problemas do estudo da comunicação gestual de crianças deficientes auditivas, filhas de pais ouvintes, é explicar a origem do sistema gestual que elas usam desde muito cedo para se comunicar (Tervoort, 1961; Lenneberg, 1964; Moores, 1974).

Feldman e outros (1978) e Goldin-Meadow (1979) observaram a linguagem de crianças deficientes auditivas, filhas de ouvintes e constataram que essas crianças desenvolvem um sistema gestual que segue, ao menos nos primeiros estágios de aquisição, uma sequência semelhante à seguida pelas crianças ouvintes. No entanto, fazendo uma comparação entre a comunicação gestual utilizada por dois de seus sujeitos e por suas mães, essas autoras verificaram que, embora as mães usassem os mesmos tipos de gestos apresentados pelas crianças, havia uma diferença, principalmente no uso de combinações de gestos. A conclusão a que as mesmas chegaram é que a comunicação gestual dessas crianças se desenvolveu independentemente da linguagem usada pelas mães, já que apresentaram um léxico gestual diverso e produziram combinações de gestos antes que suas mães o fizessem.

Parece-me que estudos como os apresentados acima têm importância na medida em que procuram analisar a comunicação gestual de crianças que, mesmo sendo expostas a abordagem oralista no ensino da linguagem, desenvolvem um sistema gestual bastante rico. Contudo, uma crítica que pode ser feita a esses estudos é ao fato de que afirmações como a apresentada acima são baseadas apenas na análise da comunicação gestual da criança, deixando de lado a interação entre a criança e seu interlocutor ouvinte que, obviamente, só pode se comunicar com essa criança pelo menos interpretando os seus gestos, isto é, atribuindo-lhes um estatuto comunicativo.

Estudos mais recentes sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças ouvintes procuram mostrar que a linguagem se constitui na interação e que o adulto tem um papel fundamental nesse processo como estruturador de situações específicas de interação - os "formats" (Bruner, 1975), dentro dos quais vão emergir pos

teriormente os primeiros vocábulos.

De Lemos (1979), num artigo em que estuda o desenvolvimento de marcadores aspectuais no português do Brasil, propõe que os esquemas interacionais sejam vistos como, pelo menos parcialmente, constitutivos dos processos pelos quais a criança adquire unidades lingüísticas e opera com elas na construção de seus enunciados. Assim, a unidade básica de análise da linguagem passa a ser, não um enunciado, mas o diálogo, isto é, uma seqüência de pelo menos dois turnos.

Na aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças ouvintes três processos parecem reger a construção do diálogo pelos interlocutores adulto-criança, a saber, o processo de especularidade ou de incorporação pela criança de parte ou de todo o enunciado adulto; o processo de complementaridade inter-turnos, em que a resposta da criança preenche um lugar "semântico", "sintático", e "pragmático" instaurado pelo enunciado imediatamente precedente e o processo de complementaridade intra-turnos em que o enunciado da criança resulta da incorporação de parte do enunciado imediatamente precedente e de sua combinação com um vocábulo complementar (De Lemos, 1982: 13).

Tanto o interlocutor adulto quanto a criança, numa fase inicial, ocupam seus turnos incorporando pelo menos parte do enunciado anterior do outro (De Lemos, no prelo) e, da parte da criança, essa incorporação corresponde aos seus primeiros enunciados. O processo de complementaridade é, segundo Ochs et alii (1977) e De Lemos (op. cit.) um passo inicial e básico na construção do enunciado, o que confirma a proposta de Scollon (1979) de que uma "sintaxe vertical" ou dialógica precede uma sintaxe "horizontal" ou a combinação de vocábulos em um mesmo enunciado.

E dentro dessa perspectiva interacionista, onde ambos os interlocutores têm papéis ativos e complementares, que se coloca o objetivo deste trabalho: observar a comunicação gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de ouvintes e não expostas a uma língua de sinais, levando em consideração a interação adulto ouvinte (mãe) - criança deficiente auditiva e criança deficiente auditiva - criança auditiva (coetâneos).

A hipótese inicial deste trabalho é que a criança deficiente auditiva desenvolve a comunicação gestual na interação com um interlocutor básico, aquele com quem partilha as experiências e o qual interpreta os seus gestos, atribuindo-lhes um estatuto comunicativo.

## Metodologia

Para proceder ao presente estudo, observamos a interação de duas crianças deficientes auditivas de mesma faixa etária - Vanessa e Márcio - e a interação de cada uma delas com as respectivas mães durante um ano e meio.

Essas crianças foram escolhidas entre as que ingressavam numa escola especial para deficientes auditivos, em São Paulo, Brasil e, antes de serem admitidas na escola, as mesmas passaram por uma equipe diagnóstica, formada por profissionais da área médica, audiológica, psicológica e de linguagem, que atestaram que ambas eram

portadoras de perda auditiva superior a 80 dB nas frequências da fala, embora a perda de Vanessa fosse menos severa do que a de Márcio (vide audiometria em anexo). Nenhuma das crianças possuía outros comprometimentos aparentes além da deficiência auditiva e não tinham recebido nenhum atendimento anterior na área da linguagem. A escola segue uma abordagem oralista e os gestos não são proibidos se as crianças não tiverem outra forma para se entenderem e se expressarem. Os gestos usados são chamados de "apoio", muito usados normalmente na comunicação pantomímica entre ouvintes.

A idade dos sujeitos quando iniciei as gravações (um mês depois de sua entrada na escola) era 3;0 e 3;11, sendo ambos de nível sócio-econômico-cultural mé dio inferior. No contato com a examinadora que avaliou o nível de comunicação de cada um sô apresentaram gestos indicativos e poucos gestos de outro tipo, embora as mães relatassem o uso de outros gestos em situação familiar, isto é, com interlocutores com os quais partilhavam experiências cotidianas.

Para a coleta dos dados, a interação entre os pares ou díades descritas acima foi registrada em "video-tape" durante meia hora, mensalmente, (díade criança-criança) e bimensalmente (díade mãe-criança). As gravações foram feitas numa sala da escola e as situações eram livres, sendo que em cada gravação havia quatro ou cinco tipos de brinquedos, os quais incluíam veículos (carro, trem, avião, caminhão, etc.) e um posto de gasolina, jogos de encaixe e de construção, livros infantis, as caixas que continham os brinquedos, cadeiras, lousa e giz.

Todas as gravações foram transcritas, levando-se em consideração as emissões orais e gestuais utilizadas pelos interlocutores. Os gestos foram codifica dos segundo critérios funcionais e semânticos. Numa folha a parte os mesmos foram des critos relativamente à posição, localização e movimento das mãos, incluindo expressão facial e movimento corporal.

#### Análise dos dados e resultados

Para efetuar a análise dos dados, selecionei todas as situações de in teração que envolviam comunicação gestual por parte das crianças e/ou dos adultos de um total de vinte e oito gravações (oito de cada criança com a mãe e doze das crian ças entre si).

Por uma limitação de tempo, deter-me-ia principalmente na interação criança-adulto. Da interação entre coetâneos serão extraídas as observações que corro boram a hipótese de que a comunicação na díade depende do grau de partilha de expe riências no mundo.

Iniciarei a análise apresentando o comportamento das mães ouvintes em relação aos gestos de seus filhos, o uso dos gestos e os processos interacionais pre sentes na construção dos diálogos pelos interlocutores .

## Interação criança deficiente auditiva - mãe ouvinte

A interação entre os sujeitos e suas mães se caracterizou por situações variadas de brincadeiras, onde vários esquemas interacionais se desenvolviam. Embora houvesse uma diferença de nível de audição entre as crianças, as duas mães apresentaram comportamentos muito semelhantes ao longo das gravações. As duas aceitavam os gestos usados por seus filhos e os interpretavam, atribuindo à criança um papel de interlocutor, capaz de se comunicar. Muitas vezes foi pela resposta da mãe que foi possível a interpretação de gestos utilizados pelas crianças. Além de interpretar dos gestos de seus filhos, as mães de Vanesse e de Márcio usaram gestos para se comunicar. Alguns gestos pareciam resultar da incorporação de gestos usados pelas crianças (PEGAR, TAMPAR, BICHO, VOAR) enquanto outros pareciam ter sido criados pelas mães, as quais, nesse caso, contavam com a capacidade dos filhos de reconhecê-los (LUNETAR, SINAR, DESLIGAR, LEQUE, SEGURAR).

A maior parte dos gestos usados pelas mães, como também dos usados pelas crianças, tinha origem mímica e expressavam ações (TAMPAR, DESPEJAR, PASSEAR), funções dos objetos (CHAPÉU - pôr na cabeça, BARCO - remar, CARRO - dirigir), qualidade de pessoas e objetos (FORTE, ALTO, BOM), características de objetos (COELHO - orelhas grandes, CACHORRO - abrir e fechar a boca, como se estivesse latindo). Alguns gestos tinham significado bem geral, sendo contexto indispensável para a sua interpretação. Assim, todas as partículas interrogativas eram expressas, tanto pelas mães como pelas crianças, com um movimento de virar a palma das mãos para cima; o mesmo gesto utilizado para se referir a "pouco", foi observado em contextos onde foi interpretado como "pequeno" e até como "prego". Apenas na comunicação das crianças foram observados alguns gestos aos quais só me foi possível atribuir um significado a partir da resposta da mãe, como em BALA, representado pelas mãos em frente à boca, como se estivessem segurando as pontas de um papel e movimento de soltar a bala do papel, colocando-a na boca.

Além dos gestos acima referidos, conhecidos na literatura como referenciais (GR) - uso de um símbolo não-verbal como significante de uma certa classe de objeto ou evento (Caselli, Ossella & Volterra, in press), tanto mães como crianças usaram gestos indicativos (GI), isto é, uso do dedo indicador para estabelecer referência a um objeto (GI<sub>o</sub>), um lugar (GI<sub>l</sub>) ou uma pessoa (GI<sub>p</sub>) e ainda meneios de cabeça interpretados comumente como SIM e NÃO.

Em geral, as mães usaram comunicação gestual juntamente com fala, sendo que os gestos correspondiam muitas vezes a partes do enunciado oral. Exemplo:

BEBER

Você já bebeu?

Esse comportamento foi observado desde as primeiras gravações também na linguagem das crianças, principalmente na de Vanessa. Desde a primeira gravação

Vanessa usou vocalizações juntamente com os gestos e já a partir da terceira gravação ela começou a usar onomatopéias evocáveis mas sempre isoladamente. Na comunicação de Márcio, o uso de linguagem oral com gestos foi observado às vezes notando-se vocalizações, onomatopéias, repetições de parte do enunciado do adulto e poucas vezes formas verbais às quais se pudesse atribuir um significado.

Os gestos estavam presentes na construção dos diálogos por parte das crianças e das mães e foram usados, tanto isoladamente como em combinações de dois gestos indicativos ou um gesto indicativo e um referencial. Apenas na comunicação de Márcio e da mãe foram observadas combinações de gestos referenciais.

Desde as primeiras gravações foram observados os processos de especularidade e de complementaridade inter-turnos, tanto nas crianças como nas mães. Apenas a complementaridade intra-turnos parece ter emergido mais tarde.

O que chama a atenção nos processos interacionais, de Vanessa, Márcio e suas mães, é o fato de neles aparecerem as duas modalidades de comunicação - oral e gestual - sem qualquer dificuldade aparente por parte dos interlocutores em aceitá-las e interpretá-las. Tanto o significado dos gestos como dos vocábulos parece ser negociado na interação entre as crianças e as mães (Maia, 1982).

O processo de especularidade, ou seja, da incorporação de parte ou de todo o enunciado do interlocutor (De Lemos, 1979) foi observado nas seguintes situações:

1. A criança usa gesto e a mãe repete-o, geralmente junto com a emissão oral:

(I) Vanessa vê o livro de figuras:

V. - (indica cachorro)

PEQUENO GI<sub>o</sub>

Mãe - PEQUENO

Pequeninho

(Vanessa - V - 3;9.14)

2. a mãe "verbaliza" ou "traduz" o gesto da criança:

(II) Mãe aproxima-se da bolsa para pegar um lenço

M. - (cutuca a mãe)

BALA

Mãe - Bala não tem

ACABAR

Acabou

(Mãos na cintura e expressão facial de contrariedade)

DEPOIS GI<sub>p</sub> GI<sub>l</sub> PEGAR

Depois em vou lã buscar, tã?

(GI<sub>p</sub>=mãe; GI<sub>l</sub>=fora da janela)

(afasta-se)

(Márcio - III - 4;5.8)

3. a criança repete gesto utilizado pela mãe:

(III) Vanessa e mãe olham figuras num livro

Mãe - (indica figura)

GI<sub>0</sub>

Õ o chocalhinho (de vaca)

SINO

Faz assim: tlim, tlim

V. - SINO

È rorru

Õ O que tem em casa:

SINO

tlim, tlim

(Vanessa - V - 3;9.14)

4. a criança repete ou "traduz" em gesto, uma emissão oral da mãe:

(IV) Márcio e mãe olham figuras em livros

M. - (indica figura de cachorro)

Mãe - Au au, cachorro. Dormindo.

DORMIR

(Márcio - V - 4;8.5)

5. a criança repete emissão oral do adulto:

(V) Vanessa e mãe olham figuras em livros:

Mãe - (indica figura de gato)

GI<sub>0</sub>

Õ o gatinho. Miau.

V. - miau

(Vanessa - III - 3;5.20)

6. o adulto repete emissão oral da criança:

(VI) Vanessa e mãe olham figuras em livros

V. - (indica duas tartarugas)

GI<sub>0</sub> GI<sub>0</sub>

È igual, qual

Mãe - È igual

(Vanessa - VII - 4;2.3)

Como é possível verificarmos exemplos acima, tanto as mães como as crianças podem ocupar o primeiro turno, expressando-se através de gestos ou de comunicação oral que o interlocutor incorpora usando qualquer uma das modalidades. No entanto, além das situações apontadas acima, notamos o uso do que De Lemos (1979 - p.13) chama de especularidade segmental e complementaridade supra-segmental, ou seja, incorporação

do enunciado precedente do interlocutor com alteração na entoação. Em geral, o uso desse processo na amostra de Vanessa e de Márcio constitui no uso de um gesto pela criança, seguida da verbalização do mesmo pelo adulto em tom ascendente (pergunta), muitas vezes seguida de resposta pela criança. A verbalização por parte da mãe foi algumas vezes realizada juntamente com o gesto:

(VII) Márcio empurra cubos para perto da mãe:

M. - CONSTRUIR ALTO

Mãe - ALTO

Ah Alto assim?

(empurra mais cubos)

CONSTRUIR ALTO

SIM

(Márcio - IV - 4;6.13)

(VIII) Vanessa e mãe brincam com blocos de construção

V. - (constrói uma igreja)

(indica a igreja)

GI<sub>0</sub> IGREJA/GI<sub>0</sub>

Mãe - Ah A igreja? É assim: Pai,  
Filho, Espírito Santo.

SIM

(Vanessa - V - 3;9.14)

O processo de complementaridade inter-turnos, ou seja, resposta a um enunciado do interlocutor (De Lemos, 1979) foi observado em diversas situações, nas quais, tanto o adulto como a criança ocupavam o primeiro turno. Novamente aqui, observamos o uso de gestos e comunicação-oral:

1. a mãe dá ordem e a criança obedece:

(IX) Mãe chama Vanessa

Mãe - VIR

vem aqui

V. - (aproxima-se da mãe)

(Vanessa - IV - 3;7.29)

2. a criança expressa pedido e mãe atende:

(X) Márcio e mãe brincam com jogo de encaixe. Márcio encaixa duas peças e dá para a mãe

M. - DESENCAIXAR GI<sub>0</sub>

(GI<sub>0</sub>=peças)

Mãe - (desencaixa)

(Márcio - II - 4;1.10)

3. a mãe pergunta e a criança responde:

(XI) Mârcio desenha um boneco na lousa e depois põe uma perna

Mãe - O QUE

O que é isso?

M. - PEQUENO

(sacode sua perna)

Perna.

(Mârcio - III - 4;5.8)

4. a criança pergunta e a mãe responde:

(XII) Vanessa brinca com Bate-Estaca:

V. - MARTELAR

pa/pa/pa

Mãe - (pega o martelo)

Tã aqui.

(Vanessa - V - 3;9.14)

5. a criança faz gesto e a mãe comenta:

(XIII) Vanessa e mãe olham figuras em livros

V. - (indica linha escrita)

GI<sub>o</sub> / ESCREVER GI<sub>o</sub>

Mãe - O nome disso é linha.

inha.

(Vanessa - V - 3;9.14)

A complementaridade intra-turnos foi observada poucas vezes e consistiu na situação específica de nomeação: um dos interlocutores nomeava uma figura e o outro fazia algum comentário sobre ela. Tanto criança como mãe ocuparam o segundo turno:

(XIV) Mârcio e mãe olham figuras em livros

Mãe - (indica figura de ganso)

GI<sub>o</sub>

Õ o ganso.

M. - (indica a mesma figura)

GI<sub>o</sub> NADAR

E. Nadando.

(Mârcio - V - 4;8.5)

(XV) Mârcio tem um fantoche de cachorro na mão e finge latir:

M. - au au au

(põe algo na boca do ca

chorro e finge que ca

chorro come)

Mãe - (indica o cachorro)

GI<sub>0</sub> COMER

tã comendo

(Márcio - V - 4;8.5)

#### Interação criança deficiente auditiva - criança deficiente auditiva

Como foi proposto anteriormente, deter-me-ei apenas nas observações que corroborem a hipótese deste trabalho, isto é, que a comunicação na idade depende do grau de partilha das experiências no mundo. Neste aspecto, é interessante apontar alguns pontos relacionados à interação entre as duas crianças ao longo das gravações.

As primeiras gravações da idade se caracterizaram por poucas situações de interação e longos períodos em que as crianças brincavam sozinhas. Os momentos de interação consistiam de um mostrar um objeto e o outro olhar, um dar e o outro pegar, um empurrar um carro e o outro puxar, sempre a nível da ação.

É a terceira gravação, na situação específica de ver figuras em livros que foram observados as primeiras interações através de comunicação gestual. Essas primeiras trocas comunicativas ocorreram através da especularidade (por exemplo: ao ver uma figura, Márcio faz gesto de CHUVA e Vanessa repete o gesto) ou através do processo de complementaridade inter-turnos, onde um indicava uma figura e o outro a nomeava. No entanto, os diálogos observados ainda foram em número bastante reduzido.

Ao longo das gravações, notou-se uma tentativa, por parte de Vanessa e Márcio, de ajustamento ao interlocutor, já que muitas vezes os gestos de Vanessa não pareciam ser entendidos por Márcio e vice-versa. Na oitava e nona gravações foi observada a tendência, por parte de Vanessa, de "ensinar" comunicação oral a Márcio. Nessas ocasiões, Vanessa insistia em que Márcio usasse "cachorro" em vez de "au au", assumindo uma atitude de "corretora", até que Márcio se desinteressou, afastando-se dela.

É a partir da décima gravação que as situações de interação pareceram realmente tornarem-se mais produtivas. Márcio e Vanessa usavam comunicação gestual e oral e construía seus diálogos utilizando todos os processos interacionais, diálogos mais longos do que os verificados anteriormente, nos quais as crianças se referiam também a eventos ausentes do contexto. Nessa situação foi observada a primeira combinação de dois gestos referenciais na comunicação de Vanessa. Por se tratar de um comentário a algo fora do contexto, não consegui chegar a uma interpretação precisa do significado dos gestos.

(XVI) Márcio e Vanessa olham duas figuras penduradas na parede; cada um parado em frente a uma. As figuras representam casas e jardins

M. - (indica desenho perto de si e  
desenho perto de Vanessa )

GI<sub>o</sub> GI<sub>o</sub>

a

(se indica e indica o desenho  
a sua frente=casa)

GI<sub>p</sub> GI<sub>o</sub> IR EMBORA

wa a

V. - IR EMBORA POUCO

POUCO

POUCO GI<sub>p</sub> (=Márcio)

(afasta-se)

(Márcio e Vanessa - XII)

Como se pode verificar no exemplo, a construção do enunciado contendo os dois gestos referenciais se deu a partir do processo de complementaridade intraturnos, onde Vanessa incorporou um gesto utilizado por Márcio no turno precedente e acrescentou um outro gesto. Márcio, por sua vez, incorporou o gesto de Vanessa, construindo um outro enunciado.

Comparando-se a atuação das crianças estudadas, nas duas situações de interação - com a mãe ouvinte e com o coetâneo deficiente auditivo - parece-me possível chegar a algumas conclusões, ainda que não definitivas, sobre o desenvolvimento da comunicação gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de ouvintes.

Contrariando trabalhos anteriores (Feldman & outros, op. cit.; Goldin-Meadow, op. cit.), que procuram explicar o desenvolvimento da comunicação gestual de crianças deficientes auditivas, filhas de ouvintes, a partir de capacidades inatas, procurei mostrar neste trabalho que a mesma se desenvolve através de processos dialógicos, em que os gestos são interpretados, ganhando, assim, estatuto comunicativo. O adulto atua como um interlocutor básico, que partilha experiências de mundo com a criança, interpreta seus gestos, atribuindo à criança um papel de interlocutor capaz de se comunicar.

Isso não significa que Vanessa e Márcio tenham aprendido comunicação gestual com as mães ouvintes mas que sua emergência e desenvolvimento decorre basicamente da interpretação de seus gestos por parte das mães, interpretação traduzida na aceitação, resposta e uso de gestos.

No caso da interação entre Vanessa e Márcio, embora desde o início das trocas os mesmos partilhassem algumas experiências e interagissem nessas situações, a comunicação se dava a nível de ação e os gestos que ocorriam não eram interpretados, na maior parte das vezes, pelo interlocutor. As crianças brincavam sószinhas e muitas vezes usavam comunicação oral ou gestual nessas situações solitárias. Ao longo das gra

vações, notou-se uma tentativa de ajustamento, por parte dos interlocutores, até que somente nas últimas gravações se observaram diálogos mais longos entre as crianças, onde de gestos e comunicação oral pareciam adquirir estatuto comunicativo. Márcio passou a usar mais comunicação oral do que antes, enquanto Vanessa passou a fazer mais uso de gestos. Os processos dialógicos então verificados incluíram todos os relatados na literatura sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças ouvintes.

Estudos futuros deverão mostrar como, nos coetâneos, a comunicação gestual irá se desenvolver de forma a se tornar mais tarde um sistema gestual, muito diferente da comunicação gestual usada com o interlocutor ouvinte.

---

NOTA:

\* Este trabalho foi apresentado no "III International Symposium on Sign Language Research", realizado em Roma, 22-26 junho, 1983. A participação no Congresso foi financiada pelo CNPq, processo nº 401175-83.

\*\* Aluna do curso de Doutorado em Linguística - IEL - UNICAMP

---

REFERÊNCIAS:

BRUNER, J.S. (1975) The ontogenesis of speech acts. *J. Child Lang.* 2 (1-9).

CASELLI, M.C., Ossella, T. & Volterra, V. (1981) Gesti, segni e parole a due anni. Comunicação apresentada no I Congresso sobre Comunicação Não-Verbal, Roma, CNR, 22-24, abril de 1981.

De LEMOS, C.T.G. (1979) Adult-child interaction and the Development of Aspectual markers in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado na Conferência sobre linguagem infantil, Nijmegen.

De LEMOS, C.T.G. (in press) Specularity as a constitutive process in dialogue and language acquisition. A ser publicado em: Camaioni, L. e de Lemos, C.T.G. (Org.) *Questions on Social Explanation*. Amsterdam: John Benjamins.

De LEMOS, C.T.G. (1982) Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. Trabalho apresentado na Mesa-Redonda "Psicolinguística: riquezas e dilemas na teoria e na prática". 34ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 9 de julho de 1982.

FELDMAN, H.; Goldin-Meadow, S. & Gleitman, L. (1978) Beyond Herodotus: The creation of language by linguistically deprived deaf children. In A. Lock (ed.), *Action, gesture and symbol: The emergence of language*. New York: Academic Press.

GOLDIN-MEADOW, S. (1979) Structure in a manual communication system without a conven

tional language model: Language without a helping hand. In Whitaker, H. & Whitaker, H.A. (eds.) *Studies in neuro-linguistics*. New York:Academic Press.

LENNEBERG, E. (1967) *Biological foundations of language*. New York: Wiley.

MOORES, D.F. (1979) *Educating the Deaf. Psychology, principles and practices*. Boston: Houghton Mifflin.

SCOLLON, H.R. (1979) A Real Early Stage: an Unzippered Condensation of a Dissertation on Child Language. In E. Ochs e B. Schieffelin (org.) *Developmental Pragmatics*. New York: Academic Press.

TERVOORT, R.T. Esoteric symbolism in the communication behaviour of young deaf children (1961) *American Annals Deaf*, 106, 436-480.

---

#### APÊNDICE:

#### Dados audiométricos de Márcio e Vanessa

##### 1. Márcio

data de nascimento - 04/04/1976

data da audiometria - 13/11/1979

	Hz	250	500	1000	2000	4000	8000
dB	O.D.	80	90	85	75	95	85
	O.E.	65	85	105	115		

##### 2. Vanessa

data de nascimento - 25/02/1977

data da audiometria - 20/11/1979 - Audiometria realizada em campo livre.

Hz 500 1000 2000 4000

dB 100 85 100 100